

A RELAÇÃO DIALÓGICA ENQUANTO INSTRUMENTO PARA REFLEXÃO

Uliana Sbeguen Stotzer (CEFE/UFSCar – SEE/SP)

Fábio Ricardo Mizuno Lemos (PPGE/UFSCar – SPQMH/NEFEF/UFSCar – SEE/SP)

Partindo da compreensão da importância da relação dialógica com os educandos e assim supondo que as falas e proposições de cada participante devam ser tomadas por seus argumentos e não pelas posições que ocupam, bem como que o conhecimento não é apenas o conhecimento escolar, construído na escola, é também o *saber ingênuo*, o *saber de experiência feito*, tem-se a importância de se ouvir e se considerar os discentes no processo de ensino de cada disciplina escolar. Neste sentido, ao ingressarmos no ensino público estadual, em abril do presente ano, procuramos desvelar as percepções dos educandos a respeito do componente curricular: Educação Física. Tal objetivo nos foi inculcado pela afirmação, senso-comum, de que nas aulas desta disciplina os alunos preferem exclusivamente os esportes futebol e vôlei. Destarte, a partir do preenchimento de um questionário que revelaram percepções contestadoras e inconformadas com o restrito conteúdo das aulas, assim como, com a falta de objetivos educacionais, entre outros, talvez se possa efetivar a consideração de que os educandos não são desinteressados pelo “novo”, são os educadores que se esquecem de compreender e discutir o que os educandos pensam.

Palavras-chave: educação física; relação dialógica; percepções

Para Freire (2005), a “*leitura do mundo*” precede a “*leitura da palavra*” (p.81), deste modo, atenta para o respeito do “*saber de experiência feito*” do educando (p.29).

Não se trata, então, apenas do conhecimento escolar, construído na escola. Trata-se também, de um “*saber ingênuo*” (FREIRE, 2005, p.39).

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2005, p.44).

O autor diz do conhecimento além dos conteúdos, o conhecimento para “*pensar certo*”, que supera o ingênuo e é um ato comunicante, de entendimento co-participado (FREIRE, 2005, p.26-27).

Em relação ao ensino:

ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2005, p.23).

“Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando.” (FREIRE, 2005, p.33).

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se (...) como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 2005, p.41).

“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.” (FREIRE, 2005, p.94).

Para que isso ocorra, Freire (1987) indica o caminho: a relação dialógica com o outro. Um diálogo igualitário, que supõe que as falas e proposições de cada participante serão tomadas por seus argumentos e não pelas posições que ocupam (idade, profissão, sexo, classe social, grau de escolaridade, etc.). *“Isto significa que o poder está na argumentação, entendida como apresentação de razões com pretensões de validade.” (MELLO, 2003, p.5).*

Os educadores não são, de modo algum, os senhores exclusivos do conhecimento. Freire (2001) denomina como isolamento negativo, a postura do individualista que, egoistamente, faz girar tudo em torno de si e de seus interesses.

Compartilhar com tal postura individualista, seria negar que estamos no mundo e com o mundo e para isso com os outros, significando-o e significando-se através das relações (FREIRE, 2001). Neste sentido, não cabe conceber o ser humano como mero objeto – ele se recusaria a aceitar.

Isto posto, ao ingressarmos no ensino público estadual, nos municípios de Hortolândia e Brotas, em abril do presente ano, procuramos desvelar as percepções dos educandos a respeito do componente curricular Educação Física. Vale salientar que tal objetivo nos foi inculcado pela afirmação, senso-comum, de que nas aulas desta disciplina os alunos preferem exclusivamente os esportes futebol e vôlei.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário contendo as seguintes questões: 1-O que é Educação Física?; 2-Quais atividades compõem as aulas de Educação Física?; 3-Quais atividades gostaria de realizar nas aulas de Educação Física?

Dentre as várias respostas, abaixo estão destacadas algumas que revelaram percepções contestadoras e inconformadas com o restrito conteúdo das aulas; com a falta de objetivos educacionais.

Quanto à questão 1: *“Para mim é uma aula para praticar esportes.”; “É a arte de brincar com o teu corpo e criar habilidades com ele.”; “Na minha opinião só um passatempo. Gostaria que fosse melhor.”; “Educação Física é uma atividade importante, porém, nem todos gostam aqui. Falta um pouco mais de incentivo dos professores.”; “É uma aula que podemos aprender a jogar, praticar melhor o esporte, também uma aula como as outras que também temos que fazer atividades, pois não pode ser só uma aula de lazer.”*

Quanto à questão 2: *“Depende da aula e do professor, deveria ter um aquecimento e depois algum esporte que todos participassem.”; “Atividades como: vôlei, futsal, basquete, handebol, judô, capoeira, natação, ou seja, toda atividade que envolve exercício físico.”; “Na escola só existe basquete, vôlei e futebol. Existem várias outras atividades mas não são praticadas aqui.”*

Quanto à questão 3: *“Jogos diferentes. Não só futebol, vôlei, basquete e handebol. Isso cansa. Desde a 5ª série são os mesmos esportes. Só mudam as ordens de seqüência.”*; *“Variadas atividades em grupo, tais como dinâmicas, entre outras.”*; *“Atividades diferentes das normais, como futebol, vôlei e basquete. Eu queria ter natação, handebol, lutas, atletismo, etc.”*; *“O interessante é se tivéssemos abertura para xadrez ou jogos do tipo, já que algumas pessoas não gostam de praticar alguns jogos.”*; *“Gostaria que houvesse handebol, pois não há muito. Mas também que os alunos participassem, pois não há como montar times para jogar se não há pessoas interessadas.”*; *“Bom, na minha opinião acho que às vezes nós poderíamos variar um pouco, ir ao centro comunitário para aprender mais sobre a natação e também um pouco de dança.”*; *“Muitos alongamentos e jogos, e estudos, afinal Educação Física é uma educação.”*; *“Eu queria que o professor desse aula certo, porque o professor (...) não dava aula e depois dava uma prova sobre basquete.”*; *Atividades lúdicas.”*; *“Eu gosto muito de vôlei, mas eu prefiro brincadeiras porque aí todo mundo participa e já os jogos não são todos que participam.”*

A partir das respostas destacadas acima, talvez se possa efetivar a consideração de que os educandos não são desinteressados pelo “novo”, são os educadores que se esquecem de compreender e discutir o que os educandos pensam.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MELLO, Roseli R. Aprendizagem dialógica: base para a alfabetização e para a participação. **14º Congresso de Leitura. 1º Seminário de Educação de Jovens e Adultos**. Campinas: ABL e UNICAMP, 2003.